

## **O CRIME NA LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR**

Danieli Machado Bezerra

Universidade Federal Fluminense/InEAC/DSP

danielimachado@id.uff.br

Esta pesquisa está em fase de início e compõe um estudo sobre a obra da escritora ucraniana-brasileira Clarice Lispector. Nesse artigo vamos encontrar elementos sobre as origens da vida da escritora estudada e como determinados acontecimentos de sua biografia e ou “influenciaram” e ou marcaram sua escrita. Clarice se autodefinia brasileira pelo fato de nunca ter colocado os pés “naquela Terra”. Com um ano e três meses de idade foi trazida pelos pais para o Brasil por causa das perseguições sofridas pelos judeus na Europa por volta dos anos de 1920. Oriunda de uma família pobre, sem recursos financeiros, sua família instalou-se, inicialmente, no Estado de Alagoas - Maceió, depois seguiu para o Estado de Pernambuco – Recife. Passou parte de sua infância em Recife e segue para morar na capital do Brasil, na época, a cidade do Rio de Janeiro, aos doze anos de idade.

Mora na capital do Brasil durante os anos de 1935 a 1944. Depois, desse período, quando já formada em Direito e que nunca exerceu funções no meio jurídico, Clarice Lispector vai morar em vários países por ter sido casada com o diplomata Maury Gurgel Valente. Quando foi estudante de direito, a jovem Clarice Lispector pensava em propor uma mudança no sistema penal brasileiro. Seu trabalho de conclusão de curso enfatizou essas questões, mas ela nunca desenvolveu, efetivamente, essa tarefa; apenas contribuiu com reflexões sobre o tema quando era uma jovem estudante da Faculdade de Direito. No ano de 1939 entra para a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, havia passado em primeiro lugar no exame de habilitação e justifica que iria cursar Direito, ou seja, entrar para a advocacia, pois afirmava que “quando eu era pequena, eu era muito reivindicadora de direitos [...]. Então, me diziam: ela vai ser advogada. Então isso me ficou na cabeça. E como não tinha orientação de espécie nenhuma sobre o que estudar,

eu fui estudar advocacia” (LISPECTOR, 1976)<sup>1</sup>. Constata, quando estava no terceiro ano do curso de Direito, que nunca saberia lidar com papéis e que iria, de acordo com absurdo de adolescência, “era estudar advocacia para reformar as penitenciárias” (LISPECTOR, 1976).

Durante os estudos na Faculdade de Direito, Clarice destaca-se entre os estudantes quando o assunto era sobre Direito Penal, seu currículo escolar mostra as maiores notas nessa matéria; Nádia Gotlib questiona: “Seria porque exige análise de situações humanas específicas, ligadas ao crime, que mais tarde comporão o filão de tantas narrativas suas?” (GOTLIB, 2013, p. 163). Em uma entrevista ao Museu da Imagem e do Som, em 1976, Clarice disse que seu amigo Santiago Dantas, jovem catedrático de Direito, afirmava que “quem vai ser advogado por direito penal não é advogado, não, é... literatura”. (GOTLIB, 2013, p. 163). Parece que o amigo acertou! Porém, Clarice decide concluir o curso de Direito por causa de uma amiga que havia dito que ela “era dessas que começam um monte de coisas e não terminam nenhuma”. Clarice afirma “Isso me aborreceu e para provar que ela estava errada comecei a estudar das sete da manhã às onze da noite, parando apenas meia hora para almoçar e uma hora para jantar” (LISPECTOR apud GOTLIB, 2013, p. 163). Ainda sobre o entusiasmo pelo Direito Penal, de acordo com Nádia Gotlib, Paulo Mendes Campos, cronista mineiro, amigo de Clarice Lispector, em uma entrevista com Clarice afirma, “talvez porque no tecido de artigos e leis punitivas uma romancista encontre não a letra, mas o espírito, as situações fundamentais que movimentam o homem”. (CAMPOS apud GOTLIB, 2013, p. 163).

Em agosto de 1941, a jovem estudante de Direito, escreveu um artigo para a revista *A Época*, revista que pertencia ao corpo discente da Faculdade de Direito, escreveu o artigo intitulado *Observações sobre o fundamento do direito de punir* e nesse artigo, de três páginas, ela inicia e conclui com reflexões em torno de uma questão existencial: “Não há direito de punir. Há apenas poder de punir. O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ele, a guerra, grande crime, não é punida porque se acima dum homem dá os homens acima dos homens nada mais há”

---

<sup>1</sup> Essa afirmação da Clarice Lispector foi dada em uma entrevista para o Museu da Imagem e do Som no ano de 1976 e está descrita no livro biográfico de Nádia Gotlib *Clarice: Uma vida que se conta* (2013, p. 162).

(LISPECTOR, 2005, p. 45). Um colega, estudante de Direito, critica esse artigo e afirma tratar-se de um artigo sentimental. Ao que Lispector afirma: “Quero esclarecer-lhe que o direito penal move com coisas humanas, por excelência. Só se pode estudá-lo, pois, humanamente”. (LISPECTOR apud GOTLIB, 2013, p. 167). Sobre o conceito do que seria crime, nesse artigo, Lispector afirma:

O crime significa um ataque à determinada instituição vigente, em grande parte das vezes e se não fosse punido representaria a derrocada dessa instituição e o estabelecimento duma nova. Assim, processar-se-ia uma evolução mais rápida e violenta, de resultados provavelmente maus, tendo-se em vista a frequente anormalidade do criminoso. A sociedade, porém, mais sabiamente, prefere falar num “direito de punir”, força unilateral, garantidora de uma boa defesa contra o ataque à sua estabilidade (LISPECTOR, 2005, p.p 45-46).

Fernando Sabino, escritor brasileiro, cronista e contista mineiro, muito amigo de Clarice Lispector, em uma das suas cartas à Clarice, escreveu afirmando que o livro quando pode ser um crime, torna-se um crime; o que corrobora a ideia sobre a percepção e existência sobre a temática do crime estar presente nas narrativas de Clarice Lispector: “Se a gente descobre por exemplo que o livro da gente tem de ser um crime, então a gente sofre, se desespera, mas afinal o livro sai o crime que a gente queria”. (LISPECTOR & SABINO, 2011, p. 27). Moser em Clarice, (2011), mostra-nos que:

Seu interesse em crime e castigo, relacionado evidentemente às noções de culpa e pecado que desde sempre a preocuparam, levou-a antes de mais nada à escola de direito. “O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ele, a Guerra, grande crime, não é punida porque se acima dum homem há os homens acima dos homens nada mais há”. (MOSER, 2011, pp. 191-192)

Moser ainda analisando esse trecho do artigo publicado por Clarice diz que trata-se de uma “declaração extravagante”, pois de um “ponto de vista prático, político, é uma afirmação, numa ditadura, da ilegitimidade fundamental de qualquer Estado” (MOSER, 2011, p. 192).

Nádia Gotlib conclui sobre uma reflexão em relação a esse artigo escrito pela jovem estudante de Direito, Clarice Lispector:

Todo o raciocínio da estudante baseia-se num questionamento em torno dos fundamentos: 1. Quem é quem, para punir? Ou: O que é o crime? (Se cada um é um? Se há sadismos e autoritarismos?); 2. O que é que a pena faz? (Não cura, só abafa o mal de onde o crime vem). Que geram a seguinte conclusão: resta encarar de frente a situação social doente. (GOTLIB, 2013, p. 166).

Nádia mostra-nos que esse artigo de Clarice Lispector, revela-nos em argumentos simples e até ingênuos, uma compreensão acerca da formação do Estado e das instituições. Também, revela-nos:

Indagações que subvertem fatores ao se deter no perigoso território da configuração de “sujeitos em situação”, mas avaliando-os em função dos males de que são vítimas. Os males tanto são coletivos – objetivados em força de repressão social mediante convenientes leis de comportamento que mais fortalecem o Estado que o indivíduo – como são individuais: pendoros sádicos e autoritários determinam as leis e as transgressões, que assim se submetem às instabilidades da variedade de tantos “eus”. (GOTLIB, 2013, p. 166).

Finalizando a análise sobre o artigo escrito pela jovem estudante de Direito, identificamos que a autora “envereda por questões em torno do “permitido” e do “proibido”, que serão nucleares nas suas futuras histórias”. (GOTLIB, 2013, p. 167). Encontraremos essas questões no universo literário da escrita clariceana, pois o trecho final do artigo mostra-nos “a imagem da dor social “disfarçada” em morfina. Essa sociedade narcotizada pelo hábito do mau disfarce – ou má consciência – será uma das presenças constantes nas narrativas de Clarice.” (GOTLIB, 2013, p. 167).

Entretanto, apesar de ter estudado Direito, ela afirma, na supracitada entrevista do Museu e da Imagem do Som, em 1976, que o curso de Direito em nada lhe ajudou, nem mesmo para tratar de questões relacionadas aos direitos autorais.

Clarice exerceu durante muito tempo a função de jornalista e trabalhou para a *Agência Nacional* vinculada ao DIP – *Departamento de Imprensa e Propaganda* – do governo de Getúlio Vargas, trabalhou para o *Jornal do Brasil*, escreveu para o *Correio da Manhã* artigos femininos, também escreveu artigos femininos para o tabloide *O Comício* onde escreveu sob os seguintes pseudônimos: “Tornam-se, portanto, sintomáticas as falas de Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares, nomes esses de que se valeu Clarice para escrever conselhos, receitas e segredos às mulheres que

desejavam adquirir um rosto”. (NUNES, 2008, p. 144). Também escreveu para *O Diário da Noite*, dando de dicas de beleza e dicas em geral para donas de casa na época da ditadura, pois esse período foi marcado pela censura dos governos militares e Clarice Lispector não podia elaborar seus textos críticos sobre as questões sociais. Nessa época, nos anos de 1960, quando volta para o Rio de Janeiro, tinha que ganhar dinheiro porque a pensão que ganhava do marido diplomata não era o suficiente para ela sustentar seus dois filhos que moravam com ela, quando ela definitivamente veio morar no Brasil, no bairro do Leme, zona sul da capital fluminense.

Analisar a temática sobre o crime na obra dessa escritora brasileira faz-me refletir, inicialmente, sobre os caminhos que me trouxeram a essa questão, pois, afinal de contas, a escritora aqui estudada é vista, endeusada pelas inúmeras páginas que encontramos na internet, como uma escritora existencialista, sensível, angustiada e considerada por muitos leitores e admiradores de sua obra como uma das maiores escritoras da língua portuguesa do século XX. Para Moser em Clarice, (2011), Clarice Lispector era uma *outsider*, (aqui define-se a partir da ideia de desvio do Howard Becker, 1963/2008) pois ela ocupa um não lugar e inaugura uma novidade no universo da literatura brasileira. No artigo *Literatura e Magia* ela afirma que os críticos a consideravam que “escrevo o que chamam de “realismo mágico”. E um crítico, não me lembro de qual país da América Latina, escreveu sobre mim: ela não é escritora, é uma bruxa” (LISPECTOR, 2005, p. 124).

Vale destacar aqui que obra e autor não possuem uma vida dissociada, pois, desde suas origens, a vida da escritora, aqui estudada, passou por uma série de situações que fazem-nos refletir sobre as circunstâncias e motivos que vamos encontrar, inconscientemente; vários elementos que nos levam a pensar os motivos de sua obra compor questões relacionadas com a temática sobre o crime. Sua mãe teria sido violentada sexualmente quando as mulheres judias sofriam atentados durante os *pogroms* onde bandos de homens adentravam as casas das mulheres e as estupravam cometendo violências diversas. Sua irmã, Elisa, no livro *Retratos Antigos* (2012) diz que sua mãe ficou inválida em decorrência do trauma que sofrera durante os *pogroms*. Clarice confidencia a sua amiga mais íntima, Olga Borelli, que “sua mãe fora violentada por um bando de soldados russos”, Deles, ela contraiu sífilis, que nas pavorosas

condições da guerra civil ficou sem tratamento” (MOSER, 2011, p. 54) De acordo com Benjamin Moser em *Clarice*, (2011):

O contexto que produziu Clarice Lispector era inimaginável para a maioria dos brasileiros – ao menos, certamente, para seus leitores de classe média. Não admira que nunca falasse sobre ele. As raízes de Clarice, nascida a milhares de quilômetros do Brasil, em meio a uma horripilante guerra civil, com a mãe condenada a morte por um ato de indizível violência, eram inconcebivelmente pobres e brutais. Ao chegar à adolescência ela parecia haver triunfado sobre suas origens, e pelo resto da vida evitou até mesmo a mais vaga menção a elas. Temia, talvez, que ninguém compreendesse. E assim fechou a boca, como um “monumento”, um “monstro sagrado”, amarrada a uma lenda que ela sabia que sobreviveria a ela, e que ela própria, de modo relutante e irônico, abraçou. Vinte e oito anos depois de seu primeiro encontro com a Esfinge, escreveu que estava pensando em fazer outra visita: “vou ver quem devora quem” (MOSER, 2011, pp. 18-19).

Para finalizar essa discussão acerca de suas origens, temos que levar em consideração que essa violência praticada contra sua mãe vai marcar sua vida e terá influências em muitos de seus escritos e nas questões existenciais que marcam as narrativas que compõem seu acervo característico que traça sua obra, a angústia. Moser assinala que em um manuscrito não publicado, Clarice havia escrito o seguinte bilhete: “Tem uma coisa que eu queria contar mas não posso. Vai ser muito difícil alguém escrever minha biografia, se escreverem”. Moser questiona se isso não seria um dos fatos centrais de sua vida. (MOSER, 2011, p. 55). Hélio Pellegrino, de acordo com Nádya Gotlib, afirmou: “Vidente e visionária, Clarice era fustigada – crucificada – pelo excesso de estímulos, conscientes e inconscientes, que tinha de domar”. (GOTLIB, 2013, p. 23)

Nádya Gotlib em *Clarice: uma vida que se conta* (2013) mostra-nos que a linguagem e a narrativa sempre foram muito importantes na vida da escritora Clarice Lispector, ela afirma que ambos se misturam em meio ao fictício, ao real e ao imaginário, em sua obra encontramos de acordo com Gotlib: “os limites entre o histórico e o ficcional. De quem é a voz? Quais as pessoas e quais as personagens? O que é história e o que é ficção? Enfim, o que é real e o que é imaginário, nesta história de Clarice?” (GOTLIB, 2013, p. 19).

A obra de Clarice Lispector tem sido publicada por completo pela editora Rocco que possui seus direitos autorais em parceria com seus herdeiros através do filho Paulo Gurgel Valente. Recentemente, a Editora Rocco tem publicado a obra de Clarice Lispector em compêndios como a obra intitulada *Clarice Lispector: Todos os contos* (1916), *Clarice Lispector: Todas as crônicas* (1918), *Água Viva - Edição com manuscritos e ensaios inéditos* – (2019) e *A hora da Estrela - Edição com manuscritos e ensaios inéditos* – (2017). Essa pesquisa, em andamento, tem o intuito de analisar toda a obra de Clarice Lispector e envolve crônicas, contos, romances, entrevistas, matérias de jornais.

Para esse artigo, trazemos uma análise sobre três contos que retratam diretamente sobre a temática do crime. São eles: *O Crime* (1946), que depois passa a ser intitulado *O crime do professor de matemática* (1960), Mineirinho ( ), e

O conto *O Crime* foi publicado, inicialmente, em 25 de agosto de 1946 no suplemento Letras e Artes do Jornal A Manhã – Rio de Janeiro, e de acordo com Nádya Gotlib, esses primeiros textos, dentre eles *O Crime*, já revelam “temas e procedimentos obsessivos na narrativa de Clarice” (GOTLIB, 2013, p.183). Depois, esse conto será reescrito e terá o título mudado para *O Crime do Professor de Matemática*, publicado na revista *Senhor*, no Rio de Janeiro, em junho de 1959 e depois no volume *Laços de Família* em 1960. Esse conto traz a história de um cão que fora abandonado pelo dono, pois, o dono, que estava de mudança juntamente com sua família, não tinha como levá-lo. Em termos de aspectos biográficos, essa história remete-nos para o que ocorreu com o seu cão Dilermando que era o cachorro de Clarice quando ela não pode trazê-lo ao Brasil, deixando-o na Itália com uma amiga. Tempos depois, ela o reencontra, Na Itália, e o cão Dilermando “precipita-se em afagos” (GOTLIB, 2013, p. 264). Moser na biografia sobre Clarice, afirma que o cão Dilermando era o seu amigo mais próximo; esse cão ela havia encontrado, abandonado, em uma rua de Nápoles. (MOSER, 2011, p. 276). Clarice, disse: “Quanto a mim, foi só olhar que logo me apaixonei pela cara dele”, ela recontou em seu livro infantil *A mulher que matou os peixes* (ano):

Apesar de ser italiano, tinha cara de brasileiro e cara de quem se chama Dilermando. Paguei um dinheiro para a dona dele e levei Dilermando para casa. Logo dei comida a ele. Ele parecia tão feliz por eu ser a dona dele que

passou o dia inteiro olhando para mim e abanando o rabo. Vai ver que a outra dona dele batia nele [...] Dilermando gostava tanto de mim que quase endoidecia quando sentia pelo faro o meu cheiro de mulher-mãe e o cheiro do perfume que uso sempre. [...] Ele detestava tomar banho, pensava que a gente era ruim quando obrigava ele a esse sacrifício. Como dava muito trabalho dar banho todos os dias e como ele fugia da banheira todo ensaboado, terminei dando banho só duas vezes por semana. O resultado, é claro, é que ele tinha um cheiro muito forte de cachorro e eu logo sentia o meu faro, porque gente também tem faro. (CLARICE apud MOSER, 2011, pp. 276-277).

Trata-se da história de um cão abandonado e assassinado e nos leva para uma reflexão, pois embora, sendo ficção, pode ser vista como uma ação calculada pelo professor de matemática, ou seja, o cientista que “mediante cerimônia ritualística, experimenta uma história de recuperação [ou desenterro] da memória do morto [ressurreição], através da reconstituição do crime, pelo avesso: não mais matando e enterrando, mas revivendo o crime ao desenterrar o morto.” (GOTLIB, 2013, p. 265). Nesse conto temos vários crimes que foram praticados pelo cientista. Analisa Gotlib:

O crime primeiro foi o do abandono, já que, por ocasião de mudança, não levaram o cão José, que representava o crime virtual: “Mas só tu sabe e eu sabemos que te abandonei porque era possibilidade constante do crime que eu nunca tinha cometido”. O segundo crime recupera o primeiro, quando o professor enterra “um cão desconhecido em tributo ao cão abandonado”, e, posteriormente, desenterra-o, numa tentativa de redenção do crime cometido. “E assim o professor de matemática renovava o seu crime para sempre”. A violência dupla mostra não só o crime (o abandono do cão), recuperado ritualisticamente pelo ato da imitação (o enterro de “outro” cão), mas a tentativa de redenção, desenterrando o corpo do animal para, noutro ritual, consumir definitivamente o ato, quando o cadáver aparece “infamiliar”, com “os olhos abertos e cristalizados”. Depois do rito, o professor pode descer pela colina e ir ao encontro da sua família. (GOTLIB, 2013, 408).

Clarice, em sua reflexão sobre a narrativa misteriosa que envolve esse conto reescrito, revela-nos como ela ficou tocada com o fato de ter deixado seu cão Dilermando na Itália. Fernando Sabino em uma carta datada em 17 de setembro de 1946 comenta sobre o conto *O Crime*:

É em verdade um conto tão bonito, Clarice, um conto que só se escreveria na Europa, na Suíça. Por ele posso perceber uma coisa muito mais importante



do que a própria importância do conto: que você está escrevendo bem, com calma, estilo seguro, sem precipitação. Talvez porque agora você já não esteja sofrendo muito, mas sofrendo *bem*: é uma diferença bem importante, para a qual o Mário sempre me chamava a atenção. A gente sofre *muito*: o que é preciso é sofrer *bem*, com discernimento, com classe, com serenidade de quem já é iniciado no sofrimento. Não para tirar dele uma compensação, mas um reflexo. É o reflexo disso que vejo no seu conto, você procura escrever bem, e escreve bem. Me deu vontade de enunciar agora um truísmo: “O problema para quem escreve é antes de tudo um problema literário” Álvaro Lins”. (LISPECTOR & SABINO, p. 57).

Benjamin Moser mostra-nos que, erroneamente, o casal Gurgel Valente, não sabia que os hotéis na suíça aceitavam animais, por isso, não levaram Dilermando e ele foi obrigado a ficar na Itália: “Ela encontrou uma moça gentil para tomar conta dele, mas com o coração partido. “Não posso ver um cão na rua, nem gosto de olhar,” escreveu às suas irmãs. (MOSER, 2011, p. 287). Em Moser, ele traz um relato de Clarice sobre o cão Dilermando:

Você não sabe que revelação foi para mim ter um cão, ver e sentir a matéria de que é feito um cão. É a coisa mais doce que eu já vi, e cão é de uma paciência para com a natureza impotente dele e para com a natureza incompreensível dos outros... E com os pequenos meios que ele tem, com uma burrice cheia de doçura, ele arranja um modo de compreender a gente de um modo direto. Sobretudo Dilermando era uma coisa minha que eu não tinha que repartir com ninguém. (CLARICE apud MOSER, 2011, p. 287).

Moser (2011) analisa esse conto de Clarice e diz que:

O abandono de Dilermando parece ter lembrado a Clarice seu pecado original, seu fracasso em ajudar a mãe; o abandono do cão substitui um crime maior e sem nome: Há tantas formas de ser culpado e de perder-se para sempre; eu escolhi a de ferir um cão. Porque eu sabia que não era muito e que esse crime não era punível. Só agora compreendo que é realmente impune e para sempre. Este crime ninguém me condena. Nem a igreja. Nem tu”, diz o professor, dirigindo-se ao cão morto. (CLARICE apud MOSER, 2011, p. 288).

Clarice trabalhou como jornalista em tabloides como a revista *Senhor*, e em 1962, passa a assinar a coluna “Children’s Corner”, da seção “Sr. & Cia.”, “em que publica tanto contos mais curtos, como “A Quinta História”, e contos mais longos,

como “Os Desastres de Sofia”, quanto crônicas, como “Mineirinho” e “Brasília”. (GOTLIB, 2013, p. 390). É sobre o conto Mineirinho que vamos debruçar nossa investigação agora. Recentemente, o conto Mineirinho passou a ser citado nas redes sociais, por ocasião do massacre cometido pelos militares do exército<sup>2</sup>, no Rio de Janeiro, que assassinaram o músico Evaldo dos Santos Rosa, ao efetivarem contra a sua família 240 disparos de tiros de armas de fogo<sup>3</sup>. Também nesse massacre, foi atingido o catador de lixo reciclável, Luciano Macedo, que morreu onze dias depois de ser atingido pelos tiros que os militares efetivaram. Na entrevista, em fevereiro de 1977, de Clarice Lispector, dada ao jornalista Júlio Lerner da TV Cultura, ele pergunta:

Entre seus diversos trabalhos existe um filho predileto. Qual aquele que você vê com maior carinho hoje?” Clarice, responde: “*O ovo e a galinha*, que é um mistério para mim. Uma coisa que eu escrevi sobre um bandido, um criminoso chamado Mineirinho, que morreu com treze balas quando só uma bastava. E que era devoto de São Jorge e que tinha uma namorada.” Lerner, pergunta: “Sobre esse seu trabalho em torno de Mineirinho, qual o enfoque você deu?” Clarice, responde: “Eu não me lembro muito bem, já faz bastante tempo. Há qualquer coisa assim como “o primeiro tiro me espanta, o segundo tiro não sei o que, o terceiro tiro... Eu me transformei no Mineirinho massacrado pela polícia. Qualquer que tivesse sido o crime dele uma bala bastava, o resto era vontade de matar. Era prepotência.” O entrevistador pergunta: “Em que medida o trabalho de Clarice Lispector no caso específico de Mineirinho pode alterar a ordem das coisas?” Resposta de Clarice: “Não altera em nada. Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa.

O conto Mineirinho, inicialmente intitulado para a revista *Senhor* em 1962, *Um grama de radium – Mineirinho*, traz a história de um bandido que atormentava os comerciantes e moradores do Rio de Janeiro nos anos de 1960. Mineirinho, morador do morro da mangueira, era o apelido de José Miranda Rosa que se tornara um dos bandidos mais procurados pela polícia da capital fluminense. Além de praticar assaltos, já havia fugido da cadeia e do manicômio judiciário pois tinha a pena de cumprir em

---

<sup>2</sup> Para essa informação ver essa matéria: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/07/familia-de-homem-morto-por-militares-contesta-versao-do-exercito.htm>

<sup>3</sup> Para essa informação ver essa matéria: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/13/oficiais-viram-reus-da-justica-militar-apos-disparos-contra-carro-de-familia-no-rio/>

regime fechado mais de cem anos de prisão. Dentre as escapadas das penas que tinha que cumprir, foi assassinado quando mais de trezentos homens da polícia ficaram responsáveis pela sua captura. Nessa captura, que ocorrera em maio de 1962, foi atingido por treze balas e sua morte foi noticiada pelos jornais e revistas da época. Mineirinho vestia uma camisa com a oração de Santo Antonio intitulada Cinco minutos diante de Santo Antonio que diz:

Há quanto tempo te esperava, ó alma devota, pois bem conheço as graças que necessitas e queres que eu peça ao senhor. Estou disposto a fazer tudo por ti, mas filho, diz-me uma a uma todas as tuas necessidades, pois desejo ser intermediário entre tua alma e Deus, com o fim de suavizar teus males. Sinto a aflição de teu coração e quero unir-me às tuas angústias e amarguras. Desejas o meu auxílio em teus negócios? Tens desejo de conseguir algum emprego? Queres ajudar alguns pobres? Queres ajudar a alguma pessoa necessitada? Desejas que cesse alguma tribulação que te aflige? Queres a tua saúde ou a de alguém a quem muito amas? Confia em Deus que tudo obterás, pois estarei a teu lado para suplicar. Agradam-me também as almas sinceras que tomam sobre si as dores alheias, como se fossem próprias. Mas eu sei bem como desejas aquela graça que há tanto me pedes. Não tardará a hora em que hás de obtê-la, tendes fé e obterás. Uma coisa, porém desejo de ti. Quero que sejas mais assíduo ao Santíssimo Sacramento. Quero que propagues a minha devoção e ajudes aos meus pobres. Ó, quanto isto me agrada o coração! Não sei negar a minha ajuda àqueles que socorrem os outros por minha devoção. Bem o sabes quantos favores alcanço a todos estes. Quantos com viva fé, tem recorrido a mim, com o pão dos pobres na mão, e são atendidos! Invocam-me para ter êxito feliz em negócios, para obter saúde para si ou para pessoa enferma afastada de Deus, e eu, por amor dos meus pobres, cuja miséria está a meu encargo, obtendo de Deus tudo o que me pedem e ainda muito mais. Temes que eu não faça outro tanto para ti? Não penses nisso, porque prezo muito as prerrogativas concedidas por Deus, de ser o Santo dos Milagres. Muitos outros, como tu, tem precisado de mim, e temem pedir-me, pensando que me importunam. Pela caridade que me une a Deus e aos irmãos na terra, leio no fundo dos corações e a tudo darei remédio, e hei de te obter as graças que desejares por mais impossíveis que pareçam. Agora volta às tuas ocupações e não esqueças do que te recomendei. Vem sempre procurar-me, porque eu te espero. Tuas visitas me hão de ser agradáveis, porque amigo afeiçoado como eu, não acharás. Deixo-te no Coração Sagrado de Jesus e também no de Maria nossa Mãe, e de São José, seu casto esposo.

Compareceram ao seu enterro mais de duas mil pessoas e sua biografia foi adaptada para o cinema, em 1967, com a direção de Aurélio Teixeira com o filme *Mineirinho: Vivo ou Morto*. Clarice traz a marca da crueldade provocada no assassinato de Mineirinho e a narrativa aponta a ação exagerada dos policiais que mataram Mineirinho com treze tiros: Ela afirma:

A temática sobre o crime está inserida dentro desse arcabouço literário denso pois nele encontramos questões diversas que vai abordar várias temáticas relacionadas ao que é crime em nossa sociedade. A exemplo, temos o conto *Cem anos de perdão* o qual a autora traz lembranças de sua infância em Recife, onde caminhava pelas ruas dos ricos onde haviam palacetes com grandes jardins e ela dizia a uma amiga “aquele branco é meu” referindo-se a um dos casarões e ficavam olhando os casarões com “a cara imprensada nas grades” (LISPECTOR, 2016, p. 410). Esse conto traz o roubo das rosas e de pitangas onde Clarice afirma sobre “quem nunca roubou não vai me entender. E quem nunca roubou rosas, então é que jamais poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas” (LISPECTOR, 410, p. 410). Depois de contar a artimanha do roubo das rosas em parceria com sua amiga de infância, a narradora afirma que o crime é muito bom “Foi tão bom” e repete a frase “Foi tão bom que simplesmente passei a roubar rosas. O processo era sempre o mesmo: a menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava” (LISPECTOR, 2016, p.p 409-410). Depois, no conto, a narradora fala que também roubava pitangas, pois elas pediam para que fossem colhidas, “em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens” (LISPECTOR, 2016, 410). Nádía Gotlib analisa esse conto de Clarice Lispector e traz uma reflexão:

No último parágrafo, afirma, com uma dose de ironia, que houve segredo, enquanto durou. É criminosa ou salvadora? Ambas confundem-se, na narrativa de Clarice, por causa mesmo do caráter necessário de tais “crimes”, que enfrentam diretamente o mal, para sentir-lhe gota a gota de que é feito. Há coragem nesse enfrentamento, de que se nutre a conservação da espécie humana, que violenta, deflora, para bem provar o selvagem instinto vital dessa paixão movida a sangue e espinhos. “Nunca ninguém soube. Não me arrependo: ladrão de rosas e de pitangas tem cem anos de perdão.” (GOTLIB, 2013, p. 77)

Entre rosas e pitangas os roubos aconteciam mostrando-nos uma transgressão, de acordo com a narradora do conto, que seus desejos eram atendidos quando, friamente, sua arquitetura do plano calculava seu método de praticar roubos. De acordo com a narradora: “o plano se formou em mim instantaneamente, cheio de paixão. Mas, como boa realizadora que eu era, raciocinei friamente [...]”. (LISPECTOR, 2016, p. 409). Nadia Gotlib afirma em sua biografia sobre a escritora brasileira: “Assim será

para, mediante transgressão, atravessar grades e portões, em atendimento a esse desejo forte e incontrolável – que é a sua arte – de possuir ardorosa e arditamente outras tantas coisas do mundo” (GOTLIB, 2013, p. 77).

Benjamin Moser no livro *Clarice*, (2011), analisa essa questão do roubo das rosas que Clarice retrata no conto *Cem anos de perdão*:

Com uma amiga, ela roubava rosas dos jardins dos recifenses mais endinheirados: “Era uma rua onde passavam bondes e raro era o carro que aparecia. No meio do meu silêncio e do silêncio da rosa, havia o meu desejo de possuí-la como coisa só minha”. Ela e uma amiga entravam correndo no jardim, colhiam uma rosa e fugiam. “Foi tão bom que simplesmente passei a roubar rosas. O processo era sempre o mesmo: a menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava”. (MOSER, 2011, p. 105-106).

Moser continua sua reflexão sobre o caso do roubo das rosas: “Ela confessou que roubava rosas, mas não há evidências de que a jovem Clarice, a exemplo de Joana, tenha realizado furtos em lojas, e certamente nenhum sinal de que ela, como Joana, fosse dada a arremessar objetos pesados na cabeça de velhinhos.” (MOSER, 2011, p. 107).

Esse trabalho está em fase de desenvolvimento e o artigo aqui apresentado propõe apresentar as ideias iniciais sobre o que é o crime na obra de Clarice Lispector. A proposta está caminhando para uma publicação de um livro sobre a temática exposta.

Referências Bibliográficas:

GOTLIB, Nadia Batella. **Clarice: Uma vida que se conta**. São Paulo: EDUSP, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Minhas Queridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

\_\_\_\_\_. **Correspondências**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

\_\_\_\_\_. **Entrevistas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

\_\_\_\_\_. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

\_\_\_\_\_. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MOSER, Benjamin. **Clarice**,. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

SABINO, Fernando & LISPECTOR, Clarice. **Cartas perto do coração**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**